

## Resenha

---

### **Educação para a paz: sentidos e dilemas**

#### **Education for peace: meanings and dilemmas**

LUIZ CARLOS BOMBASSARO \*

---

*A paz universal é o melhor de todos os bens instituídos para a nossa felicidade.* Difícil seria encontrar alguém que estivesse disposto a não aceitar ou até mesmo a negar essa conhecidíssima afirmação do poeta e filósofo florentino renascentista Dante Alighieri. Ela constitui, por assim dizer, quase um lugar comum para o imaginário ocidental e traz consigo uma indubitável força simbólica. Fruto de um longo processo auto-reflexivo encetado pelo espírito humano no decurso da história, essa asserção representa o núcleo de uma longa tradição conceitual que tem por tema a própria condição humana. Embora possamos discutir a validade da relação de causal e os pressupostos filosófico-antropológicos que essa afirmação evoca, colocando em dúvida a concepção teleológica da ação humana, que apresenta a felicidade como o fim último do homem, mesmo assim, a paz permanece uma autêntica questão filosófica.

O reconhecimento do sentido e da validade da afirmação que abre este texto não nos impede, no entanto, de fazer com que percebamos as múltiplas dificuldades inerentes à efetiva realização da paz entre os homens. Talvez seja essa a razão que poderia nos levar a argumentar sobre as dúvidas quanto à validade daquela afirmação, especialmente quando se trata de considerar seriamente a facticidade dos atos humanos em toda sua contingência. Assim, poderíamos perguntar, por exemplo: Se pensamos ser a paz um elemento constitutivo para a realização da felicidade, por que o ser humano passa tanto tempo e dispende tantas energias vitais com aquilo que é contrário à vida? Que razões podem ser aduzidas para explicar isso? Como compreender a dificuldade da constituição de um mundo pacífico, mesmo sabendo que ele seria o melhor dos

---

\* Professor Dr. da Faculdade de Educação - UFRGS.

mundos possíveis para vivermos felizes juntos? Diante das atrocidades do mundo engendradas pela ação do próprio homem, ainda faz sentido manter a idéia que afirma a possibilidade da felicidade? Para pensar a plena realização da paz mundial não será mesmo necessário repensar a ação humana e buscar novas formas de fundar a própria ética?

Como sabemos, não é algo recente nem de somenos importância para o conhecimento humano a descoberta do poder de nossos impulsos agressivos e de nossas estruturas autodestrutivas. Embora possamos ainda discutir longamente como e quando o espírito tanatológico fez sua entrada no mundo, se com o próprio aparecimento do homem ou se através do desenvolvimento de diferentes formas de organização social, que tomaram corpo e tiveram vigência ao longo do tempo, seja com o matriarcado, seja com o patriarcado, de todo modo, somos levados a reconhecer que, contrária ao espírito da paz, o espírito da destrutividade humana expõe, ao mesmo tempo e inquestionavelmente, tanto a vontade de poder quanto a fragilidade do ser humano. E, mesmo que possamos ter aprendido algo sobre a importância da paz com as duras experiências inerentes ao devir histórico, parece-nos imprescindível ter de repor, constantemente e sempre de novo, o questionamento sobre a necessidade da paz, considerada não como um estado ou um modo de existir que nos é dado (*Gabe*), mas como uma inacabada tarefa (*Aufgabe*) de autocompreensão da qual emana um radical compromisso ético e ontológico.

O amplo horizonte interpretativo aberto pelo tema da paz mostra não somente a relevância que a questão assume, mas também a complexidade que sua investigação demanda. Por isso, é desnecessário reafirmar que a aproximação ao tema e sua compreensão adequada não constitui uma tarefa fácil. Quando tomamos o caminho da investigação sobre a paz, temos de estar plenamente conscientes disso, o que nos leva ao reconhecimento da imperiosa necessidade de nos munirmos de um instrumental teórico e metodológico apropriado às exigências desta jornada.

Especialmente aos estudiosos brasileiros, não bastassem as dificuldades tanto de ordem prática quanto de ordem conceitual que o tema da paz traz consigo, acrescia-se, até hoje, uma outra dificuldade: a escassez de estudos sistemáticos que possibilitassem uma compreensão mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais aprofundada dessa questão. Agora, no entanto, esse cenário muda completamente.

A publicação do livro *Educação para a paz: sentidos e dilemas* (EDUCS, 2005, 364 p.) de Marcelo Rezende Guimarães, além de suprir entre nós uma séria lacuna no âmbito dos estudos sobre a paz e a educação para a paz, inaugura uma nova fase da reflexão filosófica sobre o tema no país. Fruto de uma cuidadosa investigação e de uma acurada elaboração conceitual sobre a prática da educação

#### Educação

para paz no mundo, o livro é o mais completo trabalho sobre o assunto já escrito no Brasil. Autêntico guia de estudos, que pode servir tanto ao público leigo quanto ao especialista, este livro deve ser saudado como a contribuição mais significativa dos últimos tempos no sentido de esclarecer o esforço de compreensão do fenômeno da paz e de sua dificuldade de efetivação histórica, bem como no sentido de esboçar, a partir da própria experiência vivida pelo autor, propostas de educação para a paz universal.

Em sua investigação engajada, Guimarães toma como ponto de partida a emergência da temática da paz diante da grave situação em que se encontra nossa civilização. Amparado conceitual e metodologicamente na perspectiva da hermenêutica filosófica, o autor faz uma reconstrução sistemática dos argumentos que podem servir de base para a discussão responsável e o aprofundamento da reflexão crítica sobre o tema e sua importância no mundo atual. Assim, o acercamento à questão se realiza mediante um caminho interpretativo até hoje inexplorado no âmbito dos estudos sobre a paz e sobre a educação para a paz.

A escolha dessa perspectiva metodológica também merece destaque não só porque constitui um dos elementos inovadores do livro, mas especialmente porque contribui para ampliar o horizonte teórico a partir do qual a questão da paz pode ser investigada e aprofundada. Aqui essa escolha vem situada num contexto amplo, que recupera as mais diversas tradições conceituais às quais a paz esteve vinculada no pensamento ocidental, e desenvolve um questionamento filosófico radical, fundado na análise que toma por base o cenário delineado pela crise da metafísica da filosofia atual.

O livro é constituído estruturalmente por duas partes centrais, ambas subdivididas em dois capítulos, precedidos por uma esclarecedora introdução e seguidos por uma conclusão desafiadora. Além disso, contém uma preciosa bibliografia sobre o tema e traz, como apêndices, três documentos que balizam as mais recentes concepções e propostas para a paz mundial.

Os motivos centrais para a abertura do livro e para o desenvolvimento de sua investigação Guimarães os encontra na emergência da temática da paz diante das experiências históricas do século XX e no aparecimento da consciência sobre a possibilidade hodierna da destruição da humanidade. É nesse contexto que entra em cena o tema da educação para a paz,

um instrumento importante para a concretização de uma cultura de paz, emergindo na interlocução da comunidade internacional, não apenas como uma nova área de pesquisa ou um campo relevante, mas como expressividade da idéia de bem, onde se joga a própria questão do sentido da humanidade e da finalidade da educação (p. 22).

#### Educação

Aqui o autor já antecipa os elementos que servirão de base para a posterior discussão sobre as possibilidades e os limites dos programas de educação para a paz, mostrando as tensões e os dilemas próprios de um campo marcado pela pluralidade e pelo conflito das interpretações. Que sua escolha metodológica tenha sido o tratamento da questão através de uma abordagem hermenêutica é, portanto, não somente compreensível mas também plenamente justificável.

Abordar a questão da paz desde a perspectiva da hermenêutica filosófica não significa deixar em segundo plano qualquer outra forma de análise sobre a questão da paz, especialmente àquela decorrente das ciências sociais. Significa, ao contrário, assumir mesmo os resultados mais diversos das investigações realizadas nesse âmbito e mostrar que a questão pode ser tratada num nível mais profundo de análise, ultrapassando as múltiplas formas de descrição empírica para realizar uma autêntica arqueologia conceitual, questionando radicalmente as implicações do vínculo entre a metafísica e a educação para a paz. Nesse sentido, o livro ganha uma dimensão estritamente filosófica, sem perder de vista o horizonte concreto no qual a questão está situada, unindo assim mundo vivido e reflexão.

Desse modo, na primeira parte, ao confrontar a educação para a paz com a crise da metafísica, o autor desenha com precisão o amplo cenário sobre o qual a variabilidade semântica e a multiplicidade de tradições conceituais foram constituindo uma relação, nem sempre livre de tensão, entre o sentido da paz e a finalidade da educação. Na verdade, inicialmente ele trabalha em duas frentes. Por um lado, para dar uma visão ampla da questão, reconstrói as concepções pedagógicas de educação para a paz surgidas no último século (pp. 41-91); por outro, para mostrar a origem dessas mesmas concepções, recupera e investiga recursivamente os múltiplos sentidos e o significado simbólico que a paz foi assumindo no imaginário ocidental, da antiguidade grega aos nossos dias (pp. 92-128). Depois, analisa exaustivamente as conseqüências do advento da assim chamada crise da metafísica na filosofia e serve-se da crítica nietzschiana aos valores e ao pensamento filosófico ocidental para mostrar como é possível e ao mesmo tempo difícil pensar a educação sem estarmos remetidos a uma concepção metafísica de mundo.

Como conseqüência dessa sua reflexão, o autor propõe uma mudança radical de significação da paz, uma virada paradigmática que envolveria de modo especial uma transformação da educação para a paz. No entender de Guimarães, essa virada em direção a uma postura pós-metafísica seria realizada em seis grandes passos, que consistiriam na passagem de um conceito negativo para um conceito positivo de paz (p. 187), na compreensão de que a paz não é um estado mas um acontecimento (p. 191), na idéia de que a paz não se caracteriza a partir do conceito de identidade mas da pluralidade, da multiplicidade cultural (p. 193),

#### Educação

na superação da idéia da paz como ordem em favor de uma concepção dialógico-conflitiva (p. 195), na consideração de que a noção de paz não está ancorada na subjetividade mas se estrutura na relação intersubjetiva (p. 201) e, por fim, na passagem de uma compreensão idealista de paz para um esforço de pensar a paz como um projeto e uma agenda a ser realizada (p. 203).

Delineadas as pré-condições para uma mudança conceitual e para a transformação de atitudes e mentalidades no tocante à paz, Marcelo Guimarães entra na segunda parte do seu livro propondo referenciais para a instauração de uma educação para a paz pós-metafísica (p. 207). A atividade educativa voltada para a paz vem aqui apresentada a partir de duas perspectivas: primeiro, como uma inserção efetiva na comunidade pacifista, que encontra sua definição mais elaborada nos círculos de paz; segundo, como um exercício da ação comunicativa, que se realiza plenamente nas oficinas de paz.

O núcleo duro da argumentação dos dois capítulos que compõem essa parte do livro é constituído por conceitos básicos da fenomenologia hermenêutica e da teoria da ação comunicativa. Nessa perspectiva, a educação para a paz encontra sua realização mediante a reflexão sobre experiência de ser no mundo. Compreensão e discurso, convivência e diálogo tornam-se assim condições de possibilidade da ação educativa em favor da construção intersubjetiva da paz, que se efetiva como acontecimento coletivo e comunitário.

A ênfase no papel da comunidade na produção de uma cultura de paz destaca de modo especial que a educação para a paz não pode ser uma tarefa exclusiva da escola. Nesse processo tomam parte as mais diversas instituições da sociedade, como os clubes, os sindicatos, as associações de bairro, as comunidades religiosas. A produção de sentido surge no contexto da comunidade lingüística, onde os sujeitos interagem discursivamente, estabelecendo um sistema de trocas simbólicas no qual a paz aparece como um valor básico. Por isso, partindo desses referenciais, é possível estabelecer um conjunto de propostas de ação coletiva que levem à superação da cultura belicista em favor de uma mentalidade pacifista. Elementos constituintes dessa mentalidade são, por exemplo, as ações contra o armamentismo, os movimentos pela objeção da consciência, os esforços solidários para a resolução de conflitos, as iniciativas de implantação de uma educação para a paz e as considerações acerca dos direitos humanos. A educação para a paz realiza-se, então, mediante um processo de conversação e de convivência que ultrapassa o território escolar e se insere como prática discursiva nas ações dos participantes de uma comunidade de comunicação. Torna-se experiência vivida. Desse modo, enquanto exercício da ação comunicativa, a educação para a paz vai além de uma concepção teórica e se transforma em agenda de caráter universal.

#### Educação

Na última parte de sua investigação, o autor se ocupa em explicitar em que sentido a paz pode deixar de ser um desiderato e se tornar uma realidade efetiva quando compreendida através das categorias próprias da teoria da ação comunicativa. A possibilidade da paz está intimamente vinculada ao contexto da argumentação. O esforço argumentativo em favor da paz começa a se mostrar eficaz, por exemplo, na crítica da cultura, de modo especial na crítica à cultura da violência. Tem razão o autor ao mostrar que não há como compreender a violência e a possibilidade de sua superação senão através da argumentação, que nos alerta para o perigo de cair na tentação de conceituar a violência de modo simplista e reducionista, que ressaltam sua naturalização, não reconhecendo que ela é, antes de tudo, uma produção cultural.

Diante disso, qual então o sentido da educação para a paz? A resposta de Marcelo Guimarães é clara:

a educação para a paz assume uma tarefa de oportunizar possibilidades de debates e pôr a nu esses mecanismos de fascínio e êxtase da violência, isto é, a própria produção cultural da violência e da guerra nos processos cotidianos da sociedade (p. 272).

No entender do autor, o êxito desta tarefa está, no entanto, estritamente ligado ao modo como compreendemos o sentido da própria razão ocidental, constantemente associada a uma função estratégica e instrumental. Por isso, ao destacar a ênfase na racionalidade comunicativa, Marcelo faz uma escolha inteligente que traz coerência ao seu trabalho de investigação e que lhe permite mostrar como é possível instaurar argumentativamente uma cultura de paz universal. As oficinas de paz, com suas já amplamente difundidas experiências em educar para a paz, aparecem assim como um lugar privilegiado para o desenvolvimento de uma cultura de paz. É nesse sentido que a educação para a paz deixa de ser uma atribuição exclusiva da escola, também ela um possível centro irradiador na promoção da paz, para se tornar uma tarefa permanente da comunidade.

É desafiadora a conclusão à que chega o autor de *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. O reconhecimento da complexidade da questão, a multiplicidade de sentidos e as dificuldades encontradas para a realização efetiva da paz, só encontram paralelo no amplo conjunto de possibilidades aberto pela educação para a paz. Por isso, Guimarães conclui com uma declaração que é, ao mesmo tempo, um desafio: “não há paz sem educação para a paz” (p. 330).

Diante de uma época e de um estilo de pensamento que insiste na onipresença da violência e da guerra, os estudos sobre a possibilidade da paz não podem permanecer reféns das análises simplistas e das abordagens racionalmente justifica-

#### Educação

cionistas e economicamente questionáveis do belicismo. Movimentando-se em direção totalmente outra, nosso autor não se deixa levar pelo raciocínio superficial do pensamento ordinário, que se coaduna muito bem com a fragmentação do sentido e com as fórmulas fáceis do império midiático. Sua concepção de paz é radicalmente outra. Ultrapassa os modos vigentes de análise da questão, anuncia o novo.

Em seu livro, Marcelo Guimarães caminha impulsionado pela resistência à facticidade e pela esperança da transformação das mentalidades e das atitudes. Isso lhe permite não somente mostrar ao leitor qual caminho a reflexão deve seguir para a efetiva realização da paz, mas também o faz percorrer as sendas e as veredas deste outro modo de viver com aqueles que pensam e fazem da paz um motivo de conversação permanente e convivência fraterna. Obra singular entre nós, constitui um guia seguro e confiável para a aproximação à questão e se torna de inestimável ajuda no aprofundamento autocompreensivo da dimensão prática que torna possível a transformação do mundo, a mudança de atitudes e conceitos éticos. Também por isso, *Educação para a paz: sentidos e dilemas* ganha a condição de livro imprescindível para formação do espírito humano e para a educação comprometida com o nosso tempo, um novo tempo no qual ainda se pode levar a sério a pergunta pela felicidade enquanto uma perpétua tarefa humana.

#### REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias: EDUCS, 2005, 364 p.